

# A ESPERANÇA NO BRASIL

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

21-1-60

Já observei que nos lugares onde se discutem os problemas do Brasil, e onde se comentam os mais graves escândalos, é invariável costume da maior parte dos homens de responsabilidade arrematar o ról de crônicas calamitosas com esta sentença que cobre todos os pecados da República: "Mas eu creio no futuro do Brasil". Todos creem no futuro e no glorioso destino desta terra, ainda que os sinais de que dispõem, no presente, sejam de natureza a induzir outros sentimentos. Todos creem, ou dizem crer, porque parece estabelecido, parece universalmente admitido que seria pecado cívico não crer ou declarar suas apreensões com base nos sinais fornecidos abundantemente pelo noticiário. Já ouvi este acorde final nos lugares em que se reúnem homens conspícuos e responsáveis, e onde esses homens, por

diferenças de raça espiritual, de orientação, de filosofia, divergem ásperamente em torno da direção que segue a coisa pública! Na hora da distensão dos nervos, da pancadinha no ombro, do arremate da cordialidade esgarçada, lá vem a jaculatoria cívica: "Creio nos destinos do Brasil".

Até ontem, antes de pôr em ordem estas idéias, eu sentia um mal-estar enorme por me julgar mau patriota, porque não achava em mim convicção para pronunciar com os outros a fórmula sacramental, e não a achando não a pronunciava, e não a pronunciando ficava com aquêlê pêso de culpa indefinida que às vêzes é mais incômodo do que a carga de uma culpa nítida. Ontem livreimei-me do complexo quando observei que são os patifes que usam com maior galhardia aquela espécie de esperança nacional, e que foram eles que espalharam a insidiosa doutrina que divinisa a Pátria e que aproxima a esperança nacional da Esperança teologal infusa, que não pode ser ferida sem gravíssimo pecado.

O bom-senso já me dizia que uma Pátria, como já tem acontecido com muitas pelos séculos da história, pode dar com os burros n'água. E' claro que o chão, a base territorial, os rios, e as cordilheiras ficam: mas a pátria, se por tal coisa se entende um conjunto histórico com tais e quais tradições orientado para tais e quais missões no mundo, se por Pátria entendemos mais este aglomerado afetivo e moral dotado de certas características que visam a ser a glória e a beleza do conjunto da espécie humana, então pode perfeitamente acontecer que uma Pátria desapareça, ou se querem uma imagem mais brutal, pode acontecer que uma Pátria tombe assassinada numa esquina do tempo. Em cima de seu território os homens que a assassinaram continuarão a viver, a falar, a gesticular, a produzir. Poderão até progredir na arte de fazer foguetes. Poderão construir usinas hidrelétricas mais possantes do que a Pátria assassinada até então construira.

Com o tempo, em cima do mesmo território antigo, mudam-se os costumes, morre o último vestígio da piedade com que naquela terra ainda se reverenciava o Rei do universo, e por fim substitue-se a língua. As Pátrias morrem, de esgotamento natural ou de maus tratos de seus filhos. Morrem e não têm alma imortal como o mais humilde de seus filhos. Sob este

ponto-de-vista com os critérios da eternidade, a história é um sópro e os grandes dramas nacionais são ainda mais efêmeros do que os dramas pessoais. Há entretanto, mesmo à luz da eternidade, uma missão, uma função com que cada coisa efêmera deixa uma marca eterna. Na minha mais profunda convicção, cada grupo humano está aqui neste carroussel planetário para se desincumbir de determinadas coisas relativas à sorte e à natureza do homem. E é neste sentido que se torna particularmente trágico o malôgro de uma nação. E é neste sentido que me inquieto e que não acho em mim voz para acompanhar o côro cívico que formula seu ato de perfeita esperança depois de ter mostrado que tudo vai de mal a pior.

Por que será que inventaram essa Esperança Nacional com ares de Esperança Teologal? E por que será que são justamente os que malbaratam os recursos pátrios que mais enfaticamente declamam sua fé cívica? A razão, leitor, é extremamente simples. Escorados nessa grande e indefectível esperança nos gloriosos destinos do Brasil, eles podem fazer o que quiserem sem perigo de falha de tão alevantado objetivo. Podem roubar em Brasília e no resto do Brasil, podem entregar o dinheiro da Legião Brasileira de Assistência aos bancos dos cunhados do Presidente da República, podem roubar no trigo a ponto de escandalizar o próprio ministro do sr. Leonel Brizola, podem mandar para o estrangeiro torrentes de dinheiro, dêste pobre dinheiro ralo que é o sangue ralo do pobre brasileiro, podem gastar como o deputado Joffily em sua amistosa carta ao Presidente diz que gasta esta "nova classe" nascida neste "novo Brasil", podem botar fora 50.000 dólares por mês e por cabeça em gastos de um super-café-society com um requinte de grosseria e de estupidez que só o muito dinheiro pode dar, podem distribuir cartórios pela família, e empregar centenas de parasitas nas câmaras municipais e centenas de parasitas em tôdas as repartições do país, e em tôdas as organizações estatais, e para-estatais, podem delapidar, pilhar, roubar, e ainda por cima atrapalhar os que desejam trabalhar, desencorajar os honestos, desanimar os cumpridores do dever, e até ridicularizar os que trabalham quatro horas por semana. Tudo isto pode ser feito serenamente, sem remorsos, sem aflições cívicas, por que cre inabalavelmente nos destinos gloriosos da Pátria. Pois se são inabaláveis tais destinos e tais glórias! A Esperança Nacional elevada à altura de fé intocável, transformada em virtude teologal, tem esta curiosa contradição: tira dos homens públicos qualquer cuidado. A palavra mágica garante o futuro de tudo no Brasil então comamos e bebamos. E sobretudo, por causa das dúvidas, mandemos para os bancos da Europa e da América do Norte as prodigiosas somas obtidas com as metas presidenciais.

Ao contrário disto, os que não têm confiança inabalável e incondicional nos gloriosos destinos da Pátria, esses tratarão de trabalhar, de fazer força, de cumprir o dever, de denunciar os escândalos, tudo isto com o objetivo patriótico de trazer uma contribuição para a glória e para a riqueza do Brasil. O curioso, meus amigos, é que nos chamem de derrotistas e de pessimistas! O fato de acharmos ser preciso trabalhar e vigiar para um dia sermos grandes é apontado como derrotismo mórbido, pelos que clamam incondicional confiança nos destinos da Pátria, e desde já sacam por conta sua grossa parte da glória e da riqueza.

Espero que desta vez o leitor entenda bem o pensamento de um pobre escriba que se cansa de dizer, como o hino francês, que a Pátria está em perigo.